

A RENOVAÇÃO DA HISTÓRIA E A LITERATURA: O CAIPIRA NA OBRA DE MONTEIRO LOBATO.

JOSE CARLOS SEBE BOM MEIHY

Disciplina: História Ibérica

A idéia já desenvolvida por Dante Moreira Leite — a Psicologia como perspectiva para o estudo da Literatura (1), servindo de modelo, abre um novo campo para a historiografia. A literatura em muitas de suas facetas presta-se para atender aos reclamos de uma história feita em moldes atualizados. Lucien Goldmann analisou o fenômeno literário como parte integrante da vida. Nesta perspectiva, a criação cultural, vista em conjunto, é uma forma para se atingir a História Global (2).

A visão de mundo do autor, bem como o enfoque dado aos diversos temas e personagens, parece, contudo, ser o veio mais rico em sugestões para os estudos históricos. No caso brasileiro, as pesquisas sobre alguns tipos sociais ficam prejudicadas pela falta de documentação (3). A análise do caipira, por exemplo, serve mais ao sociólogo do que ao historiador, e a História mostra-se, em decorrência, falha no que diz respeito ao homem pobre, ao meio rural, o que implica, em última análise, numa compreensão deformada da vida brasileira.

A Literatura sugere ao historiador temas e pesquisas, que, se aliados a documentação paralela, podem satisfazer às exigências de uma nova História. O estudo da obra de Monteiro Lobato pode servir para a compreensão do mundo do autor e para a explicação de

(1). — Moreira Leite (Dante), *Psicologia e Literatura*. São Paulo. 1967, pág. 13 e seguintes.

(2). — Goldmann (Lucien), *A criação cultural na Sociedade Moderna*. São Paulo. 1972, págs. 32-62.

(3). — “Quais as barreiras existentes para a pesquisa da vida dos pobres no Brasil? Existe em primeiro lugar o simples descuido em registrar o que se passa com os pobres”... Hoornaert (Eduardo), *Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800*. Petrópolis. 1974, pág. 12.

uma época da vida brasileira. A definição do papel social do escritor e as decorrentes análises de seus personagens, englobam não apenas o literato, mas também o universo refletido em sua vida. Nesta linha, a busca de um conceito adequado de intelectual se reveste de significativa importância à medida que o pensador, o culto, é quem está em *rapport* com a problemática social, e não apenas com as questões pessoais. O intelectual seria a expressão e síntese da vivência existencial de um grupo em dada situação.

*

Tendo em vista as transformações que se operavam no Brasil do começo deste século, é de se perguntar: quem seria o intelectual brasileiro deste período? Quais suas preocupações? Que problemas se propunha abordar? Quais os temas preferidos pela geração de escritores dessa época? Enfim, quais as obras representativas do tempo e quais os autores que em maiores dimensões espelharam-no, fornecendo a visão de uma homologia entre a estrutura social e a conjuntura da vida, e, alinhando novas experiências em face dos problemas do grupo social.

Na obra *Estrutura Social da República das Letras*, Machado Neto faz uma análise de que seria a vida intelectual brasileira do período compreendido entre 1870 e 1930, situando nossa “ecologia cultural”. A dependência da cultura européia, do meio urbano, e na medida do possível, da Corte, ou dos salões que a substituiram, levava poucos à condição de intelectual e a pequena profundidade o alcance de uma “cultura brasileira” (4).

Se por um lado não existiam valores vigentes nacionais que expressassem uma independência de pensamento brasileiro (5), por outro faltavam também meios de comunicação, público, leitor, aceita-

(4). — Machado Neto (A.L.), *A estrutura social da República das Letras (Sociologia da vida intelectual brasileira — 1870-1930)*. São Paulo. 1973, págs. 23-24.

(5). — “E quando o nacional aparecia nos números de teatros ou era de forma ridicularizada do caboclo, ou rizível do cafageste”. O exemplo dado por Nelson Palma Travassos em relação ao teatro era também válido para as demais áreas de cultura. Palma Travassos (Nelson), *Minhas Memórias dos Monteiro Lobatos*. São Paulo. 1964, pág. 54. O próprio Lobato contava a Rangel que “outra mania é ir ao circo de cavalinhos ver as alegres pantomimas” “Guerra de Canudos” e “Guarani” ver e apreciar imensamente, e berrar de entusiasmo quando aparece o cabo Roque, ou Macambira, ou o “imorredouro” Carlos Gomes. Faz de Cecí uma mulata gorda e quarentona. Perí, por causa da voz, tem que ser italiano, de modo que fica um índio macarrônico. Na “Guerra de Canudos” os soldados do governo aparecem metidos em fardas da guarda cívica e apanham bordoada velha. O circo vem abaixo quando o jagunço destrói o governo” ... Carta a Rangel — São Paulo — 22/07/1906. *A Barca de Gleyre* 1º tomo, *op. cit.*, pág. 137.

ções sociais para idéias que procurassem romper as barreiras pesadas de grupos conservadores e beatos.

O ambiente “colonial” da cultura brasileira era coerente com o processo das mudanças político-econômicas. Nossa vida, em termos de sobrevivência financeira dependia do comércio externo. Um aumento de 214 por cento do *quantum* das exportações, nos fins do século XIX, seguidos de 58% na relação dos preços do intercâmbio significava 396% a mais da renda gerada pelo setor de exportação (6). Isso que representava uma sensível melhoria nos percentuais de rendimentos, não chegou, contudo, a apresentar uma melhoria no nível de vida, pois se verificou um aumento sensível da população e graves transformações nos níveis econômicos. É portanto possível constatar que não houve progresso relevante. O ressenceamento de 1890 que se aproximou bastante da realidade, fixou em 14.333.915 a população total do Brasil (7). Dezoito anos depois, num período de mudanças, marcado por fatos como a abolição da escravatura, o fim do Império e início do período da República, a população cresceu em 41,8%, reduzindo o relativo progresso econômico esboçado.

A Primeira República significou um período de transformações de uma época mais ou menos estagnada, como foi a do fim do Império. Os grupos sociais buscavam uma definição melhor lutando por afirmações axiológicas (8). Evidenciava-se, no princípio do século, a presença de um grupo burguês ligado ao comércio de exportação, tal grupo que se definia como dominante, procurava impor-se mesclando seus valores, costumes e idéias. Toda estrutura social mudava, ainda que lentamente, entre aceitações de novos padrões e recusas dos velhos.

O ingresso do imigrante foi vital para a dissolução das tradicionais formas de vida; uma nova mentalidade se instalava negando as formas tradicionais de cultura, insinuando-se nas famílias de fazendeiros, mudando os polos de aplicação de capitais. A urbanização se fazia: capítulo anterior à industrialização. Elementos comuns quase sempre, a cidade e a indústria se interligavam gerando mútuas possibilidades.

A medida que o café decaia como produto mais importante de uma economia agrária exportadora, a disponibilidade de mão-de-obra levava ao aparecimento de unidades manufatureiras isoladas do contexto sócio-econômico global, destinadas, portanto, a serem reabsor-

(6). — Furtado (Celso), *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo. 1972, pág. 142.

(7). — Hugon (Paul), *Demografia Brasileira*. São Paulo. 1973, pág. 41.

(8). — Carone (Edgard), *A República Velha (Instituições e Classes Sociais)*. São Paulo. 1972, pág. 148.

vidas em outras práticas econômicas mais integradoras (9). A industrialização processava-se.

Nesta sociedade, o homem, o intelectual, foi afetado. O político também. Num mundo em tantas mudanças é fácil compreender que a geração que deu o "tom vital" (10) tenha sentido os problemas cruciais que o panorama nacional determinava.

Monteiro Lobato foi um representante do grupo culto deste agitado período. Se analisamos o conjunto da obra deste autor, é fácil detectar que pelo menos quatro dos fundamentais problemas que o processo de industrialização marcou foram pontos básicos de suas análises (ou literatura?): 1.º). — O caipira (através de tipos como o "Bocatorta" ou o "Jeca-Tatú"); 2º). — As Cidades-Mortas (possivelmente os decadentes burgos do Vale do Paraíba); 3.º). — Os fundamentos do progresso de uma sociedade industrializada, apoiada no binômio ferro-petróleo) e 4.º). — A formação de uma Literatura nacional.

A significativa obra publicada, muito particularmente suas cartas a Rangel e as *Cartas Escolhidas* dão de Lobato o sentido de seu pensamento sempre angustiado e efervescente (11).

As publicações do "taubateano rebelde" podem ser consideradas como polarizadora de certos conflitos que Lobato buscou solucionar. A Literatura foi uma forma, a possível arma, usada para alertar o grupo leitor de alguns problemas nacionais que eram, via de regra, vistos como folclóricos, insolúveis, ou simplesmente evitados.

A obra de Lobato obedeceu a um fundamento específico: formular novos postulados, através de uma crítica aguda aos antigos padrões, e dar bases para uma nova forma de vida nacional (12).

O trabalho de Monteiro Lobato não foi apenas manifestação intelectual, mas deixa também entrever que espelhou parte representa-

(9). — Cohn (Gabriel), *Problemas da Industrialização do Século XX* in "Brasil em Perspectivas". São Paulo. 1973, pág. 284.

(10). — Usamos o conceito de "tom vital" de Ortega y Gasset como aparece em seu trabalho: *Rebelião das Massas*. Rio de Janeiro. 1971, págs. 65-72.

(11). — As cartas de Lobato a seu amigo Godofredo Rangel, estão publicadas em várias edições na série: *Obras Completas de Monteiro Lobato* pela Editora Brasiliense em dois volumes, sob o título: *A Barca de Gleyre*. As *Cartas Escolhidas* completam 2 volumes (16 e 17) da mesma coleção.

(12). — Veja-se a este respeito particularmente o trabalho: *O Escândalo do Petróleo e Ferro* onde o criador do "Sítio do Pica-Pau-Amarelo" em um capítulo conclusivo da primeira parte do trabalho analisa: "O que somos e o que precisamos ser", pág. 119.

tiva da realidade brasileira. Em relação ao caboclo, o homem do campo, ou "piolho da serra" interessa indagar da documentação de Lobato:

— Em que medida suas observações prestam-se para a compreensão da história?

— Qual a visão de mundo que Lobato expressou?

— Quais os conflitos entre uma idealização particular do Brasil e a realidade nacional?

O estudo do *caipira* de Lobato (13) pode obedecer, para melhor facilidade de compreensão, a três níveis:

1). — A definição do caipira dentro dos contos, cartas, enfim, dos trabalhos escritos a seu respeito, de tal forma que seja somado um número maior possível de explicações.

2). — A colocação do caipira dentro do conjunto da obra de Monteiro Lobato.

3). — A inserção da obra de Monteiro Lobato no conjunto da atividade sócio-cultural brasileira.

O significado do caipira exige antes uma análise da visão do mundo e da visão de homem que Lobato projetava. A forma pela qual o autor das "cidades mortas" via o homem do campo estava diretamente relacionada com o processo de sua existência. Desde muito cedo fizera parte de sua vida uma certa aversão pelo povo — povo que para ele era sinônimo de vulgaridade (14). Em uma carta de 1907, José Bento contava irritado como enxergava o "povo brasileiro" durante a Semana Santa:

"Há uma semana que estou preso em casa porque lá fora a semana é santa. Há procissões de pretos e brancos a atravancar as ruas. Nas igrejas muito consumo de aguinhas e fumaças cheirosas, e litanias. Por toda parte, o povo — o nosso povo essa coisa feia, catinguda e suada. Sovacos ambulantes. A cohue, Rangel; a bohue, Rangel. A carapinha assanhada, a venta larga

(13). — Adotamos o conceito de caipira tal como foi e é visto no Vale do Paraíba Paulista, região de Lobato; Caipira é o homem que habita o meio rural e dele vive, mantendo com o meio urbano um mínimo de contactos apenas religiosos (festas, procissões, batismos, etc.) e econômicos (vendas de poucos produtos da terra e compra de outros tantos que não consegue produzir). Caipira é um tipo humano específico com atitudes e comportamento próprio da cultura que Antônio Cândido chamou de "Rústica".

(14). — "... A desgraça em tudo é vulgaridade — o toda gente" in Carta a Rangel — Areias 7/6/1906 — *A Barca de Gleyre*. 1º tomo, *op. cit.*, pág. 137.

“fuzilando”, o coronel, o chale das mulheres o chapéu duro e a roupa preta das pessoas gradas. Não há mulheres, há macacas e macaquinhas. Não há homens, há macacões” (15).

Político e ativista, aceitou José Bento o clima de uma burguesia industrial que se instalava concluindo que a vida nacional se modificaria em conjunto (16). Para tanto, todos os estamentos deveriam buscar uma nova adequação ao processo sócio-industrial. A colocação do caipira, assim, ganha força maior se analisada a partir deste pressuposto.

O transcorrer da vida de Monteiro Lobato sempre o colocou em contacto com o homem do interior. Nascido em Taubaté (17), foi promotor em Areias e depois fazendeiro. Afastado da cidade, ele, um homem characteristicamente urbano, buscou ligações com a “vida”. Primeiro a farta correspondência mantida com o “mundo” coloca-lo-ia em contacto com um ambiente onde os acontecimentos, de forma mais acelerada marcavam o mundo social. À medida que o tempo passava, a ânsia de comunicação crescia: evasão do mundo caipira. Estava motivado para a literatura. A tendência crítica impelia-o à busca de contactos maiores com a “civilização” (18). Ainda que timidamente os primeiros reencontros com o meio cultural iam acontecendo em publicações várias. Temas? Diversos. Dependiam quase sempre de leituras anteriores (19). Kipling foi para ele um modelo constante. Feitas as primeiras publicações, vencida a euforia da estréia e o sabor dos nascentes sucessos, estava delimitado um outro momento na relação Lobato-vida social. A atividade literária transformou-se em seiva,

(15). — Carta a Rangel — Taubaté 2/04/1907 — *A Barca de Gleyre*. 1º tomo, *op. cit.*, pág. 157.

(16). — Lobato confundia o Brasil com o regional, aliás, assim procedia conscientemente, pois ele próprio declarava... “Maravilhosamente apinha voce a vida da província e pudera se não parar no caminho, tornar-se o Balzac da vida mineira — que há de ser a mesma vida do país todo”. Carta a Rangel — Areias 7/12/1907. *A Barca de Gleyre*, *op. cit.*, pág. 201.

(17). — Desprezamos aqui a inutil discussão sobre o local exato do nascimento de Monteiro Lobato (Buquira ou Taubaté).

(18). — “Tendo mandado, uns artigos para *A Tribuna de Santos* e publicado n’O Estado de São Paulo umas traduções de *Weekly Times* esse meu meio de neutralizar Areias. Leio o *Times* em Areias. Informo-me todas as semanas da Saúde de Her Magesty”. Carta a Rangel — Areias 1/07/1909 — *A Barca de Gleyre*, *op. cit.*, pág. 250.

(19). — O conto “Bocatorta” é um exemplo expressivo, o próprio Lobato pretendia que seu personagem principal tivesse “algo daquele Mowgli do Kipling”, Carta a Rangel — Areias 23/10/1909 — *A Barca de Gleyre*, tomo 1º, *op. cit.*, pág. 279. Publicado em *Urupés*, “Meu conto de Maupassant”, diz claramente as pretenções do autor.

elemento imprescindível para a sobrevivência cultural do homem urbano isolado na cidade-morta ou entre caipiras.

Se a política marcou a vida da geração da “República das Letras”, os temas do novo clima político eram pontos divisórios entre uns e outros (20). Uns de vanguarda, coerentes com o ambiente nacionalista que se delineava, outros como Coelho Neto ou João do Rio, presos a uma visão literária julgada vencida. Assim, assuntos como: o elemento humano, a saúde pública, a educação, a indústria ganhavam força na literatura brasileira, principalmente na do sul.

Um tipo de vida voltada ao trabalho eficaz como se propunha no Brasil do começo do século exigia homens de ação, práticos, atualizados tecnicamente, trabalhadores adequados ao novo momento social. As cidades ganharam vida com a alma da indústria. Os escritos de Lobato denunciavam pois o caipira como elemento inutil, que servia apenas para pequenos trabalhos. Por exemplo, no *Poço do Visconde* foram colocados na boca de “Chico Piramboia” as seguintes palavras:

— “Sempre hei de prestar para alguma coisa, capinar chão, tratar de burro de carroça, carregar coisas na cacunda... (21).

O mundo limitado do caipira caracterizado por José Bento, apresentava uma completa ausência de dinâmica, um conformismo e, a presença de determinante rotina, foi o traço marcante com que Lobato definiu o homem do campo. “Zé Brasil” foi assim mostrado:

“Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé, desses de chão batido e sem mobília nenhuma — só a mesa escondida, o barro duro, o mocho de três pernas, uns caixões, as cuias” (22).

Tendo notícias do “Jeca-Tatú”, “Zé Brasil” apenas percebia algumas afinidades com o protótipo, o que demonstra a falta de condições para uma consciência do problema do campo pelo próprio homem do campo (23). A dependência de soluções para a melhoria da

(20). — Machado Neto, *op. cit.*, pág. 50.

(21). — Monteiro Lobato (J.B.), *O Poço do Visconde*. — *Literatura Infantil*, vol. 10. São Paulo. 1969, pág. 228.

(22). — “Zé Brasil” foi escrito em defesa do partido comunista. Aprendida a edição, depois de várias publicações clandestinas foi publicado mais tarde pela Editorial Calvino, numa edição de luxo, ilustrada por Portinari.

(23). — “Coitado deste Jeca! dizia Zé Brasil olhando aquelas figuras. Tal qual eu. Tudo que ele tinha eu também tenho. A mesma opilação a mesma maleita, a mesma miséria e até mesmo o cachorrinho. Pois não é que meu cachorro também se chama Joli?... *Conferências, Artigos e Crônicas, “Obras Completas”*, vol. 15, pág. 327.

vida caipira, segundo José Bento, estava nas mãos de um grupo dirigente. Lobato orientou, pois, seus escritos para a nova burguesia que despontava.

Um retrato do "Jeca Tatú" engloba, de certa forma, para Lobato, uma definição de Brasil. José Bento via o brasileiro como produto do nosso meio sócio-cultural. Um derrotismo compunha sua idéia da história brasileira. Falando sobre *A Caricatura no Brasil*, Lobato carregou de sombras as cores da nossa sociedade, dizendo que:

"Numa história geral da caricatura a história da nossa ... terá meia página, se tanto", e concluiu dizendo "há uma coisa que impede o crescimento e a plena floração da nossa caricatura: restrição cada vez maior da liberdade de crítica ao governo" (24).

Produto de um meio sócio-econômico pouco vibrante os brasileiros expressavam em seu perfil psicológico e físico o mesmo tipo de vida que a nação.

O caipira definido no *Urupês* foi mostrado como alguém soturno que

"Não canta senão rezas lúgubres. Não dansa senão o cete-
retê aladainhado. Não esculpe o cabo da faca, como o cabila.
"Não compõe sua canção como o felá do Egito" (25).

Inconformado com a passividade do homem do campo, Lobato concluiu que no Brasil o contraste homem — terra era por demais evidente (26).

A descrição do caboclo que em meio as maravilhas tropicais apenas parasitava o interior do Brasil, ganha força à medida que seu universo mental era mostrado. O problema das crenças é muito significativo nos valores do caipira, José Bento não deixou de explorar o assunto, demonstrando que:

(24). — *A Caricatura no Brasil* in "Idéias de Jeca Tatú". "Obras Completas", vol. 4, págs. 15-21.

(25). — *Urupês* in "Urupês". "Obras Completas", vol. 1, pág. 291.

(26). — "No meio da natureza brasílica, tão rica de formas e cores, onde os ipês floridos derramam feitiços no ambiente e a inflorescência dos cedros, às primeiras chuvas de setembro, abre a dança dos tangarás, onde há abelhas de sol, esmeraldas vivas, cigarras, sabiás, luz, cor, perfume, vida diônica em escachoo permanente, o caboclo é o sombrio urupês de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas. Só ele não fala, não canta, não ri, não ama. Só ele, no meio de tanta vida, não vive". *Idem*, pág. 291- 292.

“A idéia de Deus e dos Santos tornava-se “jéco-cêntrica”: “São os santos, os graudos lá de cima, os coronéis celestes, debruçados no azul para espreitar-lhes a vidinha e intervir nela ajudando-os ou castigando-os, como os metediços deuses de Homero” (27).

A hierarquia, o respeito às tradições sem grandes fundamentos, ajudam a esclarecer a vida do caipira brasileiro. Eslebão, figura central do “mata-pau” pedia desta forma consentimento para casar:

“— Meu pai, quero casar.

O pai olhou para o filho pensativamente; em seguida falou:

— Passarinho cria pena é para voar. Se você já é homem, case.

— O rapaz pediu-lhe que pusesse em prova a sua virilidade.

O pai refletiu e disse:

— Derrube o jataí da grotinha, sem tomar fôlego”.

As explicações dadas eram sempre simplistas e expressas por analogias, no mesmo caso de Elesbão, depois do casamento, como não vieram filhos, uma criança colocada na porta do casal foi por eles criada. Como Manuel Aparecido, o enjeitado, saira a

“peste do bairro atarantador dos pacíficos e traiçoeiros para com os escuradores”

as justificativas para explicar a crueldade do moço recaíram na tradicional “ruindade da mãe”.

— “ninguem perca a esperança. Olhem a mulher de Elesbão, aquela Póquinha sapiroquenta, como está chibante!...” (28).

A monotonia e o contraste eram tambem marcas da personalidade do caboclo. A solidão foi sempre outra constante na vida do “soturno personagem”. O conto Bocatorta termina assim:

(27). — *Idem*, pág. 290.

(28). — *O mata-pau* in “Urupês”, *op. cit.*, pág. 209.

"Nada mais lembrava a tragédia noturna nem denunciava o túmulo de lodo açaimador da boca hedionda que bajujara nos lábios de Cristina o beijo único de sua vida" (29).

No conto *Uma história de mil anos* o sítio onde morava Vidinha era descrito como fora da sociedade.

"Longe do ermo onde está o sítio, é o mundo. Há nele cidades — casas e mais casas, pequenas e grandes, em linha, com estradas pelo meio a que chamavam ruas. Nunca as viu, sonhava. Sabe que nelas moram os ricos seres de outra raça, poderosos que compram fazendas, plantam cafezais e mandam em tudo" (30).

O isolamento geográfico era um reforço do abandono cultural. Assim era o caipira que Monteiro Lobato mostrou. Um ser fraco, sofrido, pobre de espírito e que precisava ser mudado. A luta pela definição deste tipo social foi a luta pela conscientização de um grave problema brasileiro: o homem do campo. Nesta linha José Bento Monteiro Lobato procurou desenvolver as análises em relação ao homem e a cultura brasileira, relacionando sua vida econômica com os níveis mentais da nação. De certa forma, para Lobato explicar o caipira, implicava em esclarecer seu mundo econômico.

A causa de todo fracasso agrícola estava na mentalidade do plantador. A monocultura, o próprio autor de *Urupês* dizia ser a razão dos males. No conto *O comprador de fazendas*, Monteiro Lobato relacionou todos os azares dos cafezais que:

"ano sim ano não batidos de pedras ou esturrados de geada, nunca deram de si colheita de entupir talha" (31).

No *Café! Café!* o velho plantador bradava contra o governo dizendo:

"E depois não queriam que ele fosse monarquista... Havia de ser, havia de detestar a república porque era ela a causa de

(29). — *Bocatorta*, op. cit., pág. 231.

(30). — *Uma história de mil anos*, in "Negrinha" *Obras Completas*, vol. 3, págs. 137-138.

(31). — *O comprador de fazendas* in "Urupês", op. cit., pág. 234. Mais significativo ainda é o artigo: *O Vale do Paraíba — diamante a lapidar*, in "Idéias de Jeca-Tatú" "Obras Completas" vol. 4, pág. 255.

tamanha calamidade, ela com seu Campos Sales de bobagem" (32).

No mesmo trabalho Lobato vai descrevendo o progressivo fracasso do "velho Mimbuia" que via o café com preço de "3 mil a arroba" sendo que lhe saia por seis. Mas uma antiga esperança fazia-o pelejar:

"Há de subir, há de subir, há de chegar a sessenta mil réis em julho. Café, café, só café!..." (33).

Não era propriamente o café que o intrigava. Não, o mesmo herdeiro de Buquira, depois do insucesso desta fazenda vê-se animado a iniciar "nova fazenda, a do Roserval". Outra fazenda, outra aventura:

"abre os caminhos, constroi as primeiras casas de trabalhadores, os paioís, planta uma bela roça de milho e milhares de pés de café" ... (34).

O sucesso do café em outras regiões que não as do Vale do Paraíba o entusiasmava. Contava, em carta a Rangel, já em 1907, as maravilhas que a planta efetuava no Oeste, narrando a beleza que era

"São Carlos um lugarejo de ontem, hoje com 40 mil almas; Ribeirão Preto com 60; Araraquara, Piracicaba a formosa, e outras".

Admirado particularmente com as colheitas de Ribeirão Preto, exclamava entusiasmado:

"dizem que há 800 mulheres da vida, todas estrangeiras e caras. Ninguem ama ali a nacional. O *Moulin Rouge* funciona à 12 anos e importa champanha e francesas diretamente" (35).

(32). — *Café!Café!*, in "Cidades Mortas", "Obras Completas", vol. 2, pág. 177.

(32). — *Idem*, pág. 182.

(34). — Cavalheiro (Edgard), *Monteiro Lobato, Vida e obra*, vol. 1. São Paulo. 1962, págs. 123-124.

(35). — Carta a Rangel — Taubaté 18/01/1907 — *A Barca de Gleyre*, tomo 1º, *op. cit.*, pág. 153.

O autor do Jeca Tatú acreditava que a “civilização do café” acabaria com a “civilização caipira” (36). Esta seria inevitável produto do fracasso daquela e que se outra solução econômica não aparecesse — a industrialização, ou exploração do petróleo, por exemplo — os caboclos fatalmente estariam presos a um só destino: “parasitar a terra”.

Edgard Cavalheiro, na introdução que faz às *Obras Completas*, analisa o significado do caboclo no espírito literário de José Bento, transparecendo que sua idéia tendia a colocar o caipira na literatura nacional,

“sem laivos nem sequer rastros de qualquer influência europeia” (37).

Em fevereiro de 1912, ainda que não bem definidamente, Lobato usou pela primeira vez o termo “piolho da serra”. Na fazenda o contacto constante com o difícil elemento humano do campo alertou-o para a falsa visão do caboclo dimensionada pelos novos escritores. Procurou então desmanchar a imagem de valente, forte, destemido e romântico que fantaziava o nosso “Jeca” (38).

A sequente soma de referências a propósito do caipira de Monteiro Lobato induz a algumas conclusões básicas para a definição do tipo. Acreditava Lobato que o homem preparado tivesse condição de criar sempre progressivos equilíbrios na dinâmica social — são palavras de José Bento:

... “ação e local são coisas consequentes e determinadas pela psicologia dos tipos”.

Dependia, assim, o meio de vida, da própria condição de trabalho do caipira. Este, desmembrado pelo rastro amargo que a “onda verde” depois de passar havia deixado, estava destinado a ser eterna consequência do insucesso da monocultura.

Isolados em pequenas células sociais, bastando a família a si própria (39), sem condições de formulação de um senso comunitário, ou

(36). — Maria Isaura Pereira de Queiroz em seu livro *Bairros Rurais Paulistas* concluiu o inverso, que existe uma independência entre a maneira, as atividades dos caipiras do “esplendor do gênero de vida” dos fazendeiros. *Bairros Rurais Paulistas*. São Paulo. 1973, pág. 30.

(37). — Cavalheiro (Edgard), *Vida e Obra de Monteiro Lobato*, Introdução à “Obras Completas”, in “Urupés”, vol. 1, pág. 12.

(38). — *Ibidem*.

(39). — O caso de “Pedro Pichorra” é elucidativo, Lobato depois de descrever o isolamento social no *Morro da Samambaia* projetou uma vista do

de opinião pública, viviam “acordeirados”, “mansos” e sem possibilidades maiores para vencer os entraves do desenvolvimento. A ausência de uma consciência real do problema leva o “Jeca Tatú” a um determinismo fatal: “piolhar” a terra, o ser um peso para a sociedade.

Os limites psicológicos esboçados por Lobato à propósito dos nossos “Pichorras” levam à conclusão que o homem do campo irremediavelmente era fruto do meio e que se o ambiente dependesse apenas de sua ação, seria inevitável a persistência rotineira do mesmo estado de coisas. A opção de investimentos em outras regiões fez com que os fazendeiros, na visão de Lobato, deixassem o Vale imerso na pobreza, e, em ruínas os velhos solares e fazendas. Isto não transformou o tipo de vida rústico do caboclo que praticamente permaneceu imutável. O antes e o depois do café não abalaram a vida do caboclo. A “onda verde” fora apenas uma surpresa na existência do caipira. Afetaria à sociedade, ao fazendeiro. Ao Jeca não. Antônio Cândido ao explicitar o conceito de rústico englobou a vida rural, o rude, o tosco, acabando por concluir que a

“cultura rústica é no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo; as que resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência ou modificação dos traços da cultura original seja em contacto com o aborígene” (40),

o que significa para este autor que a cultura caipira teria as próprias características fossem quaisquer os fenômenos que a circundassem. Lobato não via da mesma forma. Desenvolvendo, o criador de *Urupês*, uma visão de homem coerente com o mundo econômico e político que despontava no Brasil, não interessou a Lobato os limites possíveis da sociabilização do caboclo, importava isto sim sua capacidade de rendimento em trabalho e em consequência disso sua viável integração como elemento útil numa sociedade brasileira e burguesa. Interessava a José Bento o progresso global, o caipira era o obstáculo que precisava ser vencido.

*

que era a vida daquele núcleo familiar: “Sobre um tabuão emborcado a meio lá está batendo roupa a Marianinha Pichorra, mulher de Pedro Pichorra, mãe de nove Pichorinhas. É ali o sítio dos Pichorras e até a Grotta Funda já é conhecida como “Fundão da Pichorra”. “Pedro Pichorra” in *Cidades Mortas*, *op. cit.*, pág. 51.

(40). — O trabalho de Antonio Cândido: *Os Parceiros de Rio Bonito*. São Paulo. 1972, pág. 21 e seguinte, tratam do assunto sob o título: *Cultura Rústica*.

Para a compreensão do caipira inserido na obra de Monteiro Lobato, um segundo momento exige que seja visto o personagem ou tipo no conjunto dos trabalhos do autor.

José Bento era homem urbano, tendo predominantemente preocupações com o próprio enriquecimento, condição essencial para a liberdade — e ser livre para Lobato era ter tempo para a literatura e estar participando dos processos de mudanças sociais do Brasil: Literatura e vida política. Vale dizer portanto que o autor das *Caçadas de Pedrinho* pretendia a fortuna para ser político. A literatura seria o meio.

Inserir o caipira de Lobato no conjunto de sua obra é sinônimo de coloca-lo em sua vida. Escritos, ação política e trabalho fundiram-se na pessoa do apologista do petróleo brasileiro. O caipira não era uma abstração literária. Não, era um tipo real, saira-lhe do “bolso” e da vida, do cotidiano e do espírito crítico, também do ideal.

Se colocados em sequência os principais temas da obra de Lobato, vê-se que suas básicas preocupações diziam respeito ao fracasso das cidades; depois: as irritações para com os “Jecas”, a monocultura, após o problema da saúde pública. O binômio ferro-petróleo foi outra constante tema, e, finalmente a Literatura Infantil. Percebe-se facilmente o processo de politização do autor. A visão e a consciência ampliadas à medida que o tempo corria. Deixou de tratar de problemas regionais para acabar com o pensamento voltado para a riqueza brasileira, para a educação das crianças, para a saúde pública (41). O “Jeca”, neste processo foi o elo, a transição do particular para o geral.

É verdade que pensar no “Jeca-Tatú” implicava na constelação de todo um mundo de problemas que envolvem o caipira. Problemas estes que eram de âmbito nacional — falar do caboclo significava criticar a assistência médica brasileira, a vida social ou o apôlo do Estado às plantações, mas, o enfoque crítico desenvolvido por Monteiro Lobato, contudo, visava mais a agressão a um tipo de mentalidade e comportamento político social, o que implicava, em certa medida, em atingir ao governo, aos grupos dirigentes e à media burguesia que se formava.

Escritor definido depois de 1918 já com dois de seus temas — as Cidades Mortas e o Caipira — estava consequentemente jogado no espaço coletivo da opinião pública, onde, dada a conjuntura nacional, não mais cabia a problemática dramatizada do homem isolado. O

(41). — Monteiro Lobato, apesar de ter no segundo momento de sua vida preocupações universais, expressa seus temas e exemplos quase sempre com base na vida do Vale do Paraíba, no caipira que conhecia. Confundia o Brasil com o Vale.

coletivo seria pois decorrência inevitável. Lobato tornara-se concorrentemente literato consagrado e político: o Jeca-Tatú foi para ele a ponte.

A colocação da obra do autor no conjunto da vida nacional implica em tipo de análise que exige a definição de Monteiro Lobato como político — literato.

A média burguesia, o grupo que aceitava a obra de Lobato na época, estava envolvida pelo liberalismo. Faziam parte do *idearium* político dos grupos médios as mesmas pretensões políticas dos demais estamentos (42).

A burguesia oposicionista ao governo pelo ano de 1920 insiste em alguns pontos básicos expressos na obra do autor de *Velha Praga*. A saúde pública, e, principalmente, o abandono do homem do campo.

O Brasil da época passara por um processo de redefinição no sentido urbano. A preocupação com as cidades já, desde 1892, vinha aparecendo na temática política. Rui Barbosa que mais tarde muito se ocupou com o problema habitacional recordava que naquele ano Aureliano Cândido Tavares Bastos, publicista, senador, pedia

“isenção do imposto predial e de concessão de penas de água”

para os trabalhadores pobres (43).

O próprio presidente Rodrigues Alves solicitou do Congresso autorização para a construção de casas operárias. Em 1909, a Câmara discutia o projeto que propunha favores a indivíduos ou associações que se destinasse à construção de moradias populares no Distrito Federal e em cidades com mais de 20.000 habitantes (44). É assim que Lobato, ao escrever *A Vida de Oblivion* ou *Os pertubadores do Silêncio* expressava o ideal de uma literatura nacional.

A polêmica estabelecida a partir da publicação e do sucesso de *Urupês* estimulou Lobato. Desde que se constatou a repercussão de seu livro empenhou-se na luta pela saúde pública. Miguel Pereira pouco tempo antes da publicação de *Urupês* já denunciava ser o Brasil um imenso hospital. Lobato transportou para a literatura a luta de tantos que aderiram a Miguel Pereira: Oswaldo Cruz, Artur Neiva, Carlos Chagas e outros. O impacto causado por “Jeca Tatú” na opi-

(42). — Carone (Edgard), *A República Velha* ... op. cit., pág. 182.

(43). — Barbosa (Rui), *Obras Completas, Discurso e Pareceres Parlamentares*. Vol. XIX. 1892, tomo V, pág. 237.

(44). — Carone (Edgard), *A República Velha*, op. cit., pág. 182.

nião pública exigiu de José Bento uma intensa atividade. Custou-lhe justificativas variadas, inclusive contra o bacharelismo. O jornal tornou-se a arma usada contra o abandono do governo. O *Bocatora* através dele popularizou-se. O "Jeca Tatú" foi transformado em conversa obrigatória. "A Nossa Doença" (44), trata detalhadamente da argumentação desenvolvida por Lobato a respeito do assunto. Artigos sucederam-se no afã de estabelecer um novo equilíbrio com o mundo que ajudara a desestruturar. Na terceira parte do volume número oito das *Obras Completas* de Monteiro Lobato estão enfeixados sob o título *Problema Vital*, os artigos publicados no *Estado de São Paulo* a respeito do assunto (46). No escrito intitulado *Iguape* (47) onde José Bento aponta com toda realidade que consegue a questão de saúde, afirma: "Iguape é o Brasil".

No conjunto da obra de Lobato, pois, nota-se a preocupação política com o homem. O elemento humano analisado por José Bento e por ele retratado é sempre o submisso, o doente, o inerte, o caipira, enfim o confundido com o Brasil. Para o urbano escrevia, o assunto era o "Jeca".

Outros temas por Lobato tratados sempre repercutiram de forma polêmica: a sua literatura infantil vista como: "Comunismo para crianças", sua crítica apontada como injusta ou

"para enxovalhar o seus patrícios, para amesquinhar, reduzir, degradar o que há de mais santo, de mais puro e respeitável no âmbito da pátria" (48).

Lobato sentiu na carne a rejeição que o momento histórico lhe impunha. O exílio o prova. Mas, toda sua obra traduz um forte espírito de luta: a marca do tempo. A análise da obra de Lobato num contexto amplo equivale à comparação, também, da forma em que ela foi expressa. Os escritos de José Bento Monteiro Lobato não inovaram apenas em termos de idéias, mas também na maneira que foram expressos, o que lhe garante um destaque entre os literatos. É um erro comum confundir Lobato com o "grupo modernista de 22". O "tom vital" da obra daquele foi dado em 1918 quando ainda Mário de Andrade estava

(45). — in *Conferências, Artigos e Crônicas*, "Obras Completas", vol. 15, págs. 206-217.

(46). — *Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital*, op. cit., vol. 8, págs. 221 a 340.

(47). — *Idem*, págs. 301-309.

(48). — in nota do próprio Lobato ao artigo *Iguape*, op. cit., págs. 309-312.

“a mil anos do Mário da semana de Arte Moderna, em 1922” (49).

Idéias e formas novas fizeram de Monteiro Lobato um homem de linha de frente na renovação do Brasil atual, dando-lhe um destaque no panorama da época.

No caso de Monteiro Lobato, a Literatura induz a constatação de alguns itens:

- a consciência de um estado de coisas decadentes e inertes: o meio rural, a sociedade e o conteúdo da cultura brasileira;
- havia, ainda que não muito bem orientada, no pensamento de Lobato, algumas sementes de uma política burguesa nascente;
- ao escrever sobre suas coisas, sua gente, Lobato sentia a necessidade de criar uma nova estabilidade entre a visão de mundo que aninhava e uma sistemática de vida já superada;
- a busca de um equilíbrio que refletiria um novo pensamento brasileiro, fato que faria de Monteiro Lobato um homem em conflito. O “herói — problemático” na tentativa de desestruturar um mundo, a seu ver estagnado, para estruturar um outro equilíbrio teria que acabar estigmatizado pela luta.

A par dos problemas advindos da relação homem-mundo, Lobato conseguiu ampliar o nível de consciência política da nascente burguesia industrial brasileira. A argumentação desenvolvida em nosso cenário cultural por José Bento assinalou no grupo leitor algumas mudanças do nível de participação social.

As informações transmitidas, e o retrato pintado de nossa “vida cabocla e atraçada” ofereceram condições de mudanças da opinião pública. Inserido e participando do grupo polizado culturalmente Monteiro Lobato criou condições para conseguir a transmissão de suas idéias. A luta difícil pela criação da Editora testemunha. A constância da luta, fruto da crença no que dizia levou Lobato ao ativismo que marcou sua vida. Reflexo desta constante atividade foi o fato de

(49). — Palma Travassos (Nelson), *Minhas Memórias dos Monteiro Lobatos*, *op. cit.*, pág. 26. Na mesma página Palma Travassos transcreve um soneto de Mario de Andrade para mostrar a distância das formas dos dois autores:

Anhangabaú: “Fino, límpido rio, que assististes/ em épocas passadas nas primeiras/ horas do dia, à despedida triste/ das heróicas moções e bandeiras/ Meu anhangabaú das lavadeiras/ nem o teu leito ressequido existe/ Que é de ti, afinal? Onde te esgueiras?/ Para que vargens novas te partiste?/ Sepulturam-se/ os filhos dos teus filhos;/ e ergueram sobre tua sepultura/ novos padões de glórias e de brilhos.../ mas dum exílio não te amarga/ a idéia:/ levas, feliz a tua vida obscura/ no próprio coração da Paulicéa, in *A Cigarra* de 12/07/1918.

ter tornado possível a aceitação de certos tipos de conceitos. O autor da *História do Mundo para Crianças*, se literato, foi concomitantemente teórico da informação. Ter conseguido influir num público através de um tipo criado significou ter estabelecido novas condições de comunicação e vida política. A consagração de José Bento Monteiro Lobato prova que se havia público é porque suas idéias frutificaram, aliás, mesmo as fortes oposições que se apresentaram aos seus escritos atestam a força de seu pensamento.

A história que pretende uma renovação de seus métodos pode pois encontrar na criação literária apóios importantes para que consiga acompanhar os avanços das demais ciências dos homens. A verificação dos temas e da forma de expressão das idéias de um período são novos motivos históricos. A Literatura induz a uma problemática, a do intelectual, daquele que é parte integrante da sociedade. Isto também é campo da História.

José Bento não foi um literato comum. Fugiu aos padrões convencionais. Antes de Lobato apenas Euclides da Cunha palmilhara os caminhos de uma literatura política; depois tal como ficou esquecido até que o autor de *Cidades Mortas* desse forma a uma literatura nacionalista.

A renovação do conteúdo da cultura nacional implicava numa revisão do sentido da vida brasileira. Lobato o fez; procurou transplantar para o Brasil uma forma mais real de focalizar a vida. Assim o "Jeca Tatú", significando o mundo nacional, retrógrado, estático, inutil, era um desafio às sociedades industriais.

O caipira na obra de Lobato fora uma tema básico. A constatação do universo caboclo conduziu-o à conclusão de que ou modificaria o conjunto da vida brasileira, desde sua economia, sociedade e cultura, ou cada vez mais a nação estaria evidenciando um descompasso frente ao mundo.

Depois da definição do caipira como tema nacional, Monteiro Lobato, burguês consciente do papel que lhe cabia como intelectual, procurou soluções para a superação dos problemas brasileiros. Valorizando os minérios, particularmente o ferro e o petróleo, foram buscadas respostas para a questão econômica; a exploração do subsolo significava a base de uma sociedade industrializada. Sua interferência na política foi sinal do sentido renovador que tencionava; particularmente no período de Vargas, Lobato pretendeu uma participação diferente do grupo dirigente. A criação da Literatura Infantil, que tanta satisfação lhe trouxe, era uma contribuição para modificar a mentalidade nacional. O caipira fora o ponto de partida, o marco divisório entre dois períodos da obra de José Bento: um primeiro até que se

constatasse o estado da nossa vida. Lançado o caipira como símbolo nacional, foi decorrentemente proposta uma série de problemas paralelos referentes à saúde às comunicações, ao meio rural etc. Depois — um segundo período — foram apontadas as soluções: estradas, livros, indústrias, cidades e outros elementos essenciais ao progresso de um mundo mecanizado.

Lobato porque projetara tipos como o “Pichorra”, foi repudiado. Porque colocara no panorama nacional um personagem subnutrido, doente e ignorante foi um desajustado. De qualquer forma o caipira de Lobato abriu campos para adequações: em relação à sua vida exigiu respostas que o levassem à coerência ideológica. Isto explica seu ativismo, a pluralidade de profissões. Em relação à nação propos um novo tipo de vida, social, política e econômica e mais ainda uma re-organização cultural.

A criação do “bicho do mato” equivaleu à consagração como intelectual, posição contraditória. José Bento Monteiro Lobato foi um autor desajustado porque pretendeu acelerar um processo de aburguesamento nacional e porque tocara num dos mais graves problemas da nação. Foi aceito porque as tradicionais formas de vida evidenciaram a necessidade de renovação socio-econômica. Foi um insatisfeito porque não conseguiu em vida ver o equilíbrio que pretendera estabelecer com sua obra.

* * *

*

JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY. — Nascido em Guaratinguetá (SP), aos 15 de março de 1943. Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas e em História. Fez curso de Relação Internacionais no Gettysburg College e leciona na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Taubaté. Está na Universidade de São Paulo desde 1971 trabalhando na disciplina de História da Civilização Ibérica.

A Presença do Brasil na Companhia de Jesus é o tema de sua tese de doutoramento, e, atualmente tem dedicado seus estudos no sentido das aproximações da História com a Literatura.